

Empresariado afaga Lula

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva não está com a popularidade em alta apenas entre as classes de baixa renda. Ontem, na reunião do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social, figurões de algumas das maiores empresas do país fizeram rasgados elogios à condução do governo no combate aos efeitos internos da crise internacional. Lula ouviu tudo sorrindo. Fortalecido neste momento de turbulência econômica, agradeceu o apoio, exalou otimismo nos rumos do país e não deixou de fazer cobranças ao setor privado.

Os nove conselheiros escalados para falar na reunião deitaram loas ao governo. O presidente do Conselho de Administração da rede Pão de Açúcar, Abílio Diniz, disse que tem "orgulho de ser brasileiro" diante das medidas adotadas. "Não tem faltado serenidade a este governo", afirmou. Representando o agronegócio, o pecuarista José Carlos Bumlai afirmou que as decisões tomadas apresentam "toques de genialidade". O presidente da Federação Brasileira de Bancos (Febraban) e do Santander Real, Fábio Barbosa, se pôs à disposição de Lula para colaborar no que for preciso.

No encerramento do encontro, Lula disse que tem tomado o cuidado de ouvir todos os setores da economia para conhecer suas dificuldades. Usando mais uma metáfora futebolística, disse que para não perder a partida, o time precisa deixar a retranca e partir para o ataque. "Depende de nós transformarmos 2009 num ano bom. Se a gente ficar choramingando ou torcendo contra nós mesmos, o ano será ruim", disse, aconselhando os consumidores a continuar comprando. Ele reclamou do nível de concessão de crédito, que estaria abaixo do que deveria ser depois das medidas.

Olhando diretamente para o presidente da Febraban, Lula cobrou ação. "Até no socialismo se precisa dinheiro, quanto mais no capitalismo. Então, Fábio, por favor, peça aos bancos para liberarem logo esse dinheiro aí", disse diante de um constrangido interlocutor. O presidente do Banco Central (BC), Henrique Meirelles, explicou aos conselheiros as medidas recentes. Segundo ele, as intervenções no mercado de câmbio já somaram US\$ 40 bilhões, dos quais apenas US\$ 5,1 bilhões com impacto nas reservas internacionais. As iniciativas para aumentar o crédito já somam quase R\$ 100 bilhões. (RA)